

O DISCURSO DA VIOLÊNCIA NO JORNALISMO POPULAR

Ana Rosa Ferreira Dias

Este trabalho¹ pretende estabelecer relações entre violência e a forma de expressá-la, escolhida pelo periódico *Notícias Populares* (NP), de São Paulo.

Restringindo-nos apenas à linguagem verbal, diríamos que existe, por parte dos grandes jornais paulistanos, alguns que tentam se organizar em termos de uma linguagem formal, culta – e, para isso, editam até mesmo “manuais de redação” com instruções para seus redatores – e outros que, por razões de sua tentativa de uma maior aproximação com o leitor das classes menos escolarizadas da população, optam por uma linguagem coloquial, popular. São os jornais que denominamos de populares, entre os quais se situa o NP.

O ponto motivador desta reflexão é a observação de que o fenômeno da violência, conforme representado no jornal popular, acha-se intensificado, quando visto em relação à representação que dele é feita nos jornais considerados não sensacionalistas. Como a violência muda de fisionomia e de escala de acordo com a maneira pela qual os mesmos fatos são apreendidos e julgados, podemos ver o discurso como fonte da violência. Desse modo, cumpre-nos verificar em que medida os registros populares têm se mostrado eficientes para a expressão exacerbada da violência.

De modo geral, grande parte das atenções sobre violência se concentra na criminalidade e seus efeitos (Bicudo, 1994), talvez porque os danos materiais e físicos sejam visíveis. Contudo, há outras modalidades de violência que acarretam prejuízos igualmente graves (danos às crenças e costumes morais e psicológicos) e que se referem a estados de violência:

Pode-se matar, deixar morrer de fome ou favorecer condições de subnutrição. Pode-se fazer desaparecer um adversário ou afastá-lo progressivamente da vida social e política através de uma série de proibições profissionais e administrativas. Aqui aparece claramente a distinção entre estados e atos de violência (Michaud, 1984:11)

O fato de a violência se apresentar como um desvio em relação a determinados estados tidos como normais garante-lhe um lugar efetivo na mídia – que, por princípio, necessita de acontecimentos com tal carga de ruptura. Embora não seja o caso de discutirmos aqui se a violência veiculada pela mídia tem ou não influência sobre o aumento da agressividade do público, é relevante observar que as imagens da violência, dado o grau de recorrência, contribui para a sua banalização, tornando-a normal e integrada ao cotidiano do leitor (Michaud, 1984). A exposição chocante de fatos, acontecimentos e idéias visando a emocionar para além dos graus normais da tensão

¹ Artigo originalmente publicado no livro *Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação*, da ANPOLL, organizado por Ingedore Villaça e Koch, Kazue Saito Monteiro de Barros – Natal: EDUFRN, de 1997. pp.91-97. A pesquisa de doutorado que deu origem ao presente artigo foi posteriormente publicada em livro – *O Discurso da Violência – as marcas da oralidade no jornalismo popular*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

psicológica caracteriza a ação mais evidente da imprensa sensacionalista para potencializar a violência e torná-la banalizada.

Essa observação aponta para a importância de se estar alerta à representação da violência, ou ainda, ao discurso que a elabora, pois “violência são os fatos tanto quanto nossas maneiras de apreendê-los, de julgá-los, de vê-los – ou de não vê-los” (Michaud, 1984:111).

O jornal *Notícias Populares* é um periódico restrito à venda nas bancas e necessita fazer um uso acentuado de estratégias sensacionalistas para atrair o olhar do leitor. A configuração visual, que no dizer de Dines (1972) atuaria como um “grito gráfico”, é a primeira etapa do processo de comunicação com um grupo de leitores cujo nível de instrução não ultrapassa o primeiro grau. Para cada jornal vendido há em torno de cinco leitores, o que é um aspecto de motivação para a leitura, pois, no ambiente de trabalho, onde o jornal é mais lido, ele passa a ser um objeto “em exposição”, um centro de interesse coletivo e, até mesmo, um pólo gerador de comentários e discussão.

O que caracteriza o leitor de jornais como o NP é o especial interesse por certos temas determinados (crime, sexo, esporte etc.) e o fato de serem consumidores de opinião, habituados a textos com o predomínio da emotividade.

O NP não oferece dificuldades à leitura e compreensão de seus textos e a sua linguagem, considerada simples, habilmente trabalha uma representação perversa da realidade, feita com o intuito de impactar. Para exemplificar, poderíamos lembrar a junção humor e horror, freqüente na elaboração das manchetes:

“TOMATE VIROU PURÊ”

(um indivíduo de apelido “Tomate” é morto com quatro tiros) – NP, 19/07/91, p.6.

“QUEIJO SUÍÇO”

(um indivíduo é morto com trinta perfurações de bala) – NP, 22/07/91, p.6.

“FRETE PRO CÉU”

(morte de um caminhoneiro) – NP, 22/07/91, p.6.

“CAIU DE MADURO”

(um homem caiu de uma árvore e morreu) – NP, 25/07/91, p.6.

“PEDREIRO DEMOLIDO A TIROS” – NP, 06/07/91, p.6.

O toque de humor à fatalidade das tragédias leva o leitor do NP a contactar com uma violência filtrada pela comicidade, o que do ponto de vista de alguns críticos, institui a violação de princípios éticos que asseguram respeito ao ser humano e ao seu sofrimento, seja ele agressor, vítima ou audiência.

A esse respeito, merece também ser lembrado o teor de comentário das legendas que acompanham as imagens fotográficas de crimes. Por exemplo:

“Parece piada de mau gosto: uma execução bárbara dessas rolou em uma rua que se chama Terra sem Males”

NP, 20/07/91, p.6.

“Ironia: Assassinado na Estrada do Matadouro”

NP, 05/07/91, p.6.

A tendência em mistificar os fatos e dramas que compõem o cotidiano vivido pelas classes populares parece ser freqüente, fazendo com que a violência encontre sentido para além do crime. Aqueles que sofrem algum tipo de falta ou de delito estão, em última instância, sob a ação da ironia do destino. Nesse sentido, o crime propriamente dito não interessa tanto quanto interessam as circunstâncias que o envolvem, tais como especificidades referentes à vida dos envolvidos, ao local, à hora etc.

A presença do comentário do redator, de suas reações subjetivas, de seus julgamentos, de seu poder de influir e se envolver com o fato pode ser percebida na comparação entre uma mesma notícia publicada, no mesmo dia, pelo NP e pela *Folha de S. Paulo*, a respeito do aumento de passagens de ônibus:

NP	FSP
<p>“O ÔNIBUS DA VERGONHA Nova tarifa: CR\$150. NP mostra com números o tamanho da sujeira”.</p> <p>“ÔNIBUS A 150 PAUS É UM BAITA ASSALTO!” (manchete)</p> <p>“Erunda ferra bonitinho os trabalhadores. O único jeito de adiar um pouco a superferrada...”</p> <p>(30/07/91, p.3)</p>	<p>“Ônibus vai a CR\$150, confirma Prefeitura, a partir de sábado”.</p> <p>(30/07/91, p.4)</p>

Enquanto a *Folha de S. Paulo* se limitou à informação, usando apenas a função referencial da linguagem, o NP apresenta um verdadeiro julgamento do fato, referindo-se à “vergonha”, à “sujeira”, ao “baita assalto”, à “superferrada” da prefeita, citada de maneira desrespeitosa, crítica, como “Erunda”, que “ferra bonitinho os trabalhadores”. A violência da linguagem tenta ser a perfeita correspondente da violência dos atos. Por isso a prefeita vira “Erunda”, na tentativa de expressar uma quebra de autoridade, truncando-lhe o próprio nome.

O julgamento exacerbado que o NP faz do fato combina perfeitamente com a língua oral popular, em particular nos efeitos hiperbólicos, irônicos, que podem também ser observados no exemplo a seguir:

“PARABÉNS, MARIANE!
VOCÊ ESTÁ DEDITIDA!”
“A APRESENTADORA DO SBT FOI CHUTADA ANTES DE
APAGAR AS VELINHAS.”

“A apresentadora Mariane, que fez dezenove anos anteontem, ganhou um belo presente de aniversário do SBT: um pontapé no traseiro.”

(NP, 09/09/91,
p.8)

O contraste entre o ato de cumprimentar e o de despedir formam uma antítese original, de efeito trágico-humorístico. A notícia utiliza uma linguagem irônica, e por isso agressiva, para revelar melhor o requinte de crueldade com o que foi cercado o ato de demissão.

Como vemos, a eficácia da linguagem, no NP, não está necessariamente vinculada à sua função referencial, mas à sua faculdade de comover, de encontrar ressonância nas emoções de seus leitores.

O uso da linguagem popular, da gíria marginal, dos vocábulos obscenos não impede, conforme veremos no próximo exemplo, que se realize, às vezes, um processo literário de elaboração da linguagem, como a criação de campos lexicais que podem redundar em redes metafóricas (Prete, 1984:122-7).

“JÓQUEI MASSACRA A
MULHER-POTRANCA
NANICO GARANHÃO CHUMBA E RETALHA A MATRIZ FOGOSA”
(manchete)

“ ‘Pulga’ acaba com a raça da mulher reserva
A COITADA SENTIU CIÚMES DA RIVAL E FOI TIRADA DA RETA PELO
JÓQUEI”
(NP, 05/07/91, pp.1 e 5)

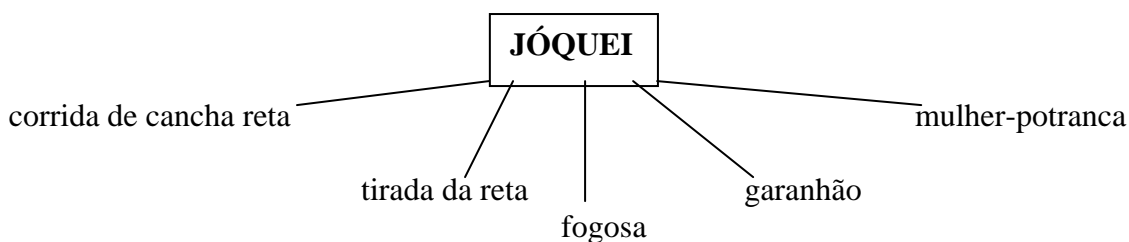
O fato de o crime noticiado ter sido cometido por um jóquei apelidado de “Pulga”, “que monta cavalos em corrida de cancha reta em Porto Alegre”, desencadeia uma série de metáforas ligadas à linguagem do prado, desde a manchete da primeira página.

A rede metafórica demonstra que o texto foi elaborado com o intuito de causar impacto no leitor e colocá-lo dentro de um contexto específico.

Além disso, predominam os vocábulos que indicam a exacerbação da violência cometida e dos instintos do criminoso, que “acaba com a raça da mulher reserva”. O “Pulga” não apenas mata uma das mulheres com quem vive, mas, segundo o texto, “massacra” a “mulher potranca”. O verbo massacrar tem semas de violência intensa (e, de fato, a vítima levou tiros e facadas), contrastando com a figura do jóquei que, como todos, era “nanico” (pequeno), embora “garanhão” (conquistador). Esse qualificativo ligado à linguagem de cavalos e de corrida envolve toda a força e sensualidade típica de animal destinado à reprodução.

Por outro lado, a “mulher-potranca” mencionada na manchete foi não apenas massacrada, mas retalhada a faca e esse verbo contém semas de requintes de violência, de perversidade pouco comuns.

Ainda entram na rede metafórica um adjetivo, “fogosa”, muito ligado a “potrancas”, e um eufemismo original: “foi tirada da reta pelo jóquei”, isto é, morreu.



Além de tanta violência bem elaborada pela linguagem, o narrador, em mais um indício de sua participação no horror do acontecimento, classifica a vítima de “coitada”.

Na aproximação do jornal com o público, o envolvimento do redator acaba por fazer o discurso soar familiar e cria um processo narrativo muito ao gosto da conversação.

O empenho de criar um contexto para a notícia, que se compatibilize com o leitor, faz do NP uma publicação na área limítrofe entre jornal e ficção. Um exame da notícia, a seguir, permite-nos observar a presença de um “narrador-jornalista” que, posicionando-se para além da imparcialidade objetiva, se oferece ao leitor como um reconstrutor de tramas, um decodificador de fatos:

“INGLÊS IMITA DONA FLOR”

“Como Dona Flor, heroína do romance de Jorge Amado, a inglesa Sarah Pilch morava com o marido e o amante.

(...)

Um dia, Kevin estava na cozinha e ouviu o ‘fuck-fuck’ no quarto do casal. Ele esperou Sarah descer e disparou: ‘Como você tem coragem de transar com ele e me largar aqui, descascando batatas?’. Ela respondeu que era hora de Kevin ir embora. ‘Eu vou, mas volto para apagar seu marido’, gritou o amante.

Não deu outra. Uma noite, Kevin esperou Sarah sair para trabalhar, entrou na casa e estrangulou Andrew. O caso está sendo julgado no Tribunal de Nortfolk, Inglaterra”.

(NP, 07/-7/91,

p.5)

Além da intertextualidade (alusiva ao caso amoroso) com o romance de Jorge Amado, é possível detectarmos, por exemplo, por referências lingüísticas que marcam o tempo, a proximidade com uma narrativa ficcional. Expressões como “Um dia”, “Uma noite” podem ser suficientemente vagas, enquanto definidoras do quando – previsto para o texto jornalístico – mas perfeitamente eficientes se o objetivo é dar continuidade ao fio narrativo.

O uso do discurso direto, estratégia que contribui para o fator de envolvimento, aponta-nos a presença de um narrador onisciente que, ao reproduzir (presumivelmente) as palavras proferidas pelos interlocutores, aproxima o texto da narrativa oral.

Nessa recuperação do diálogo, observe-se o privilégio dado à fala do agressor (Kevin) em detrimento à da vítima (Sarah), que é somente referida pelo discurso indireto. O emprego do verbo de elocução “disparou”, anteposto à fala, está a serviço da caracterização do estado emocional do protagonista (uma vez que não é propriamente a indicação do “dizer” – que se acha oculto – mas, do “sentir”) e visa a criar o contexto para o dizer-ameaça, referido pela opção “gritou”, posposto à fala seguinte.

Tal procedimento revela algo mais do que a intenção de informar um fato, revela que é possível tornar as palavras “instrumentos de ação e não apenas de comunicação” (Marcuschi, 1982).

As avaliações externas que “o narrador-jornalista” faz, no decorrer da história, como, por exemplo, “Não deu outra”, a propósito dos fatos que estão sendo narrados,

têm o intuito de chamar a atenção do leitor para um determinado ponto da história que antecede o relato de homicídio – ponto clímax da tensão e desfecho da narrativa.

Para concluir, lembramos que a dificuldade de se apreender a violência se deve às suas diversas modulações, ou, ainda, ao seu caráter polissêmico.

O jornal *Notícias Populares*, que ocupa um papel singular na imprensa de São Paulo, com seu discurso exacerbado, criativo e imprevisto nas suas soluções expressivas, busca encaminhar o leitor na direção proposta pela interpretação dada aos fatos pelo redator. Fenômenos como a gíria, a linguagem marginal, o vocabulário obscuro, as frases feitas da conversação diária, entre outros recursos, nos possibilitam verificar que a violência também é gerada no interior do discurso.

Referências Bibliográficas

- BICUDO, Hélio. (1994) *Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem*. São Paulo: Moderna.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. (1994) *O discurso da violência – as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP (Tese de Doutorado).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1982) A propósito das estratégias jornalísticas. In: KATO, Mary et al. *Linguagem oral, linguagem escrita*. Uberaba.
- MICHAUD, Yves. (1989) *A violência*. Trad. L. Garcia, São Paulo: Ática.
- PRETI, Dino. (1984) *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz.